



CAMINHAR PARA SI: AUTOFORMAÇÃO ATRAVÉS DA ESCRITA DO JORNAL DE PESQUISA

MAGALHÃES, Alberto Assis

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

betoassis2001@hotmail.com

DUARTE, Suênia de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

limaduarte-uern@hotmail.com

ANDRADE, Rosiane Aires Queiroz

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

roseaneaires_12@hotmail.com

Resumo: O ingresso na Universidade é um dos momentos em que os sujeitos se deparam com um universo diferente do que estavam acostumados até então. Com isso, torna-se urgente e necessário aprender a enxergar, interpretar e explicar a nossa formação de uma forma mais complexa. O Jornal de Pesquisa (JP) surge, então, como um recurso teórico-metodológico capaz de possibilitar uma autoformação daquele que o escreve. Desta forma este artigo tem como objetivo analisar a contribuição da escrita do JP para o processo de autoformação de duas alunas ainda no primeiro período do curso de Educação Física. Após a discussão, percebe-se que o JP se apresenta como um aliado nesse processo de percepção e autoformação, pois através de sua escrita, é possível expressar o que se sente e refletir sobre o dia a dia, compreendendo a si mesmos. As implicações internas e o mergulho denso nesse processo complexo, a partir do qual o sujeito se institui como autor do seu processo formativo o torna singular, sendo ele mesmo. O conhecimento sobre suas experiências somente foi possível porque ambas tiveram a oportunidade de escrever seus momentos em seus JP, na disciplina de Metodologia do Trabalho Acadêmico. Esses momentos foram muito importantes revelando um olhar sobre o caminhar de cada uma. Sem dúvidas, caminhar para si é muito difícil, ora percebemos ora não, às vezes sentimos, às vezes não, mas caminhamos e isso é certo. A autoformação, no fim, é o caminho trilhado e percebido por si mesmo.

Palavras-chave: Jornal de pesquisa, autoformação, educação física.

INTRODUÇÃO: O INICIO DO CAMINHO

O ingresso na Universidade é um dos momentos em que os sujeitos se deparam com um universo diferente do que estavam acostumados até então: novos conhecimentos, pessoas diferentes e olhares para a formação. A palavra Universidade, que significa universalidade ou o todo, já dá uma ideia do porque é tão difícil lidar com esse novo universo num primeiro momento. Não seria equívoco dizer que as pessoas ficam perdidas sem saber o que fazer e para onde ir nesse novo



contexto. Com isso, torna-se urgente e necessário aprender a enxergar, interpretar e explicar a Universidade e as relações que nela se fazem presentes de forma panorâmica e não reduzindo o olhar apenas em um foco, uma vez que esse universo é totalmente complexo. André (1997) defende a ideia de que não se pode abordar a questão da formação docente de maneira reducionista, sendo, então, necessária a ampliação do olhar sobre este complexo processo. De acordo com Ardoino (1998), precisamos estar abertos a novos olhares, novas óticas, e a perspectivas plurais para dar conta, um pouco melhor, ou um pouco menos mal, da complexidade dos objetos.

Essa carga de novas obrigações e exigências acaba, muitas vezes, sufocando suas ideias, emoções e subjetividade, pois, nem sempre, há um espaço para extravasamento de pensamentos e sentimentos vivenciados no curso, além do que, muitas vezes, não têm os hábitos da leitura e da escrita incorporados, o que acaba conturbando o processo de aprendizagem.

É preciso, portanto, que os discentes estejam abertos a novos estímulos para uma formação plural como a autoformação. O Jornal de Pesquisa (JP) surge, então, como um recurso teórico-metodológico capaz de possibilitar uma autoformação daquele que o escreve. Pode ser utilizado em qualquer área de formação e em qualquer momento da vida.

O JP, ou diário de Pesquisa, já é bastante conhecido na comunidade acadêmica, tendo sido abordado em trabalhos de autores brasileiros, como Barbosa (2006, 2007 e 2010) e Borba (2001), professores que acreditam na eficácia do jornal como método de autoformação, avaliação como também na formação do professor pesquisador.

Desta forma este artigo tem como objetivo analisar a contribuição da escrita do JP para o processo de autoformação de duas alunas ainda no primeiro período do curso de Educação Física. Desvela-se, pois, como essa vivência com o JP, aliado à escrita do Projeto de Pesquisa, contribui para uma formação que vai além de uma formação docente.

PASSOS METODOLOGICOS

É bem verdade que a pesquisa vai muito além do trabalho pronto e que por trás deste existe sempre um mistério de como foi construído. Nesse sentido, a metodologia permite vislumbrar os caminhos existentes. É importante ressaltar que o próprio JP auxiliou na escolha de um método para obter os dados da pesquisa, sendo usado como um dos recursos metodológicos.

A pesquisa é de natureza qualitativa, a qual, segundo Bogdan e Biklen (1994), não estabelece os questionamentos a serem investigados a partir de variáveis. Guiada pela abordagem



multirreferencial que Barbosa e Ventura (2004), entendem que é tentar trilhar novos caminhos, descobrir atalhos e articular ideias e significados, constituindo uma forma de olhar para a realidade.

Outra ferramenta importante foi a entrevista semiestruturada. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 72), por meio dela:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

A entrevista foi realizada com duas alunas matriculadas na disciplina de Metodologia do Trabalho Acadêmico que escreveram em seus JP durante todo o semestre. Para preservar a identidade dos alunos, foram utilizados pseudônimos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: UM CAMINHAR PARA SI

Neste artigo, serão contadas as histórias de duas alunas que passaram pela experiência de escrita do jornal ainda no primeiro período do curso de Educação Física. As alunas foram entrevistadas a fim de obter-se maiores informações sobre as mesmas. Marina desistiu do curso após o primeiro período, enquanto Bruna, desde o início, teve certeza que tinha escolhido o curso certo. Isso foi revelado em seus JP e, ambas registram em seus JP momentos, experiências e reflexões sobre suas trajetórias durante o primeiro período, falando sobre suas vidas, sobre a escrita dos projetos de pesquisa e como o JP ajudou em suas escolhas. Seus JP foram selecionados porque foram os que mais chamaram atenção quanto à proposta do que se quer mostrar neste estudo, aprofundando um capítulo sobre o caminhar para si e autoformação através do JP. Conhecê-las a fundo nos fará entender um pouco como isso aconteceu.

As duas foram entrevistadas em dias diferentes, Marina no dia 04/05/2015 e Bruna no dia 05/05/2015. Os questionários foram semiestruturados, com perguntas elaboradas a partir de trechos dos jornais de cada uma e possuíam perguntas semelhantes para ambas, pois, viveram experiências parecidas, mas fizeram escolhas diferentes, o que, certamente influenciou em suas trajetórias. As alunas pertenceram a mesma turma do curso de Educação Física (CEF) do CAMEAM. Ambas têm 21 anos de idade e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE- (ANEXO 02).

Falar sobre si mesmo é uma algo muito difícil, mas já que o objetivo deste capítulo é conhecer um pouco mais sobre as alunas, nada melhor do que começar instigando-as para que



falassem um pouco sobre si mesmas. Então, acreditando que a autoformação acontece através da reflexão sobre si mesmo, esse foi o ponto de partida escolhido para começar a desencadear a reflexão das estudantes pelo menos naquele momento.

Ao falar um pouco sobre si mesma, Marina foi sucinta, dizendo: *“Eu sou uma pessoa que tenho objetivos e eu busco, quando eu vejo que não ta dando certo eu procuro outra coisa, eu sou muito estudiosa”*. Já Bruna falou um pouco mais: *“Bom eu acho que eu sou uma pessoa muito difícil de lidar, de compreender, eu falo pouco, eu gosto de ler, gosto de escrever também, já tive páginas, blog, mas sempre anônimos, enfim sou uma pessoa assim que gosto de participar das coisas”*.

Questionamentos, definições ou explicações sobre si mesmo nem sempre são fáceis, mas são necessários e devem ser o primeiro passo, quando se quer entender sobre o outro, ou sobre as coisas do mundo. *“É óbvio que críticas e questionamentos nos fazem falta, mas, sobretudo, o que faz falta é um questionamento interior”* (MORIN, 2007, p. 23). E é esse questionamento interior que nos anima ou nos atormenta na busca de nós mesmos.

Nessa aventura, que é a entrada na faculdade, seja no curso de Educação Física ou em qualquer outro, são ofertadas diversas disciplinas para que os alunos possam começar a entender o universo em que está inserido uma destas é a *Metodologia do Trabalho Acadêmico*, lócus deste trabalho.

Durante a entrevista, ao serem indagadas sobre como foi cursar essa disciplina, Bruna disse que é uma disciplina muito importante no início na universidade, quando tudo é um choque. Marina, por outro lado, revelou que, mesmo sendo uma disciplina com muitas regras e normas a serem aprendidas, foi de fácil compreensão. Mas, ao falarem sobre o processo de escrita de um Projeto de Pesquisa, que tiveram que elaborar, as dificuldades foram aparecendo:

Foi difícil viu, eu não sabia formular o que eu queria, eu tinha em mente o que eu queria pesquisar, mas não conseguia colocar no papel, quando a professora ensinava eu aprendia, mas depois eu não sabia como colocar no papel era difícil, ficava direto pesquisando se era assim mesmo (MARINA).

A primeira experiência de escrita de uma pesquisa é algo difícil de esquecer, pode-se até não lembrar o tema da pesquisa, mas o que se passou durante a escrita, as dificuldades na sua construção, isso não se apaga. Esse é o início da formação para a pesquisa, que começa com pequenos trabalhos. O que deveria ser uma forma leve e estimulante para o aluno desenvolver gosto e alimentar paixão por meio da pesquisa, termina se transformando em uma frustração, pois a



cobrança, por parte dos professores, pelo sucesso de um bom trabalho e, muitas vezes, as considerações e cobranças feitas durante a realização do projeto acabam levando os alunos a acreditarem que não sabem pesquisar, o que acaba minando qualquer expectativa de pesquisas futuras.

Em seus JP as alunas falaram muito sobre os seus Projetos de Pesquisa, desde o começo da escrita até a entrega final. Enquanto Marina se viu perdida, sem saber o que pesquisar, Bruna sempre teve a certeza do que queria, e pode-se entender que houve um encanto pela pesquisa a partir daí.

[...]eu tenho uma paixão pelo direcionada a deficientes, mas eu nunca tinha pensado na possibilidade de desenvolver algo sobre isso, nunca tinham me proporcionado isso, então quando a professora propôs a elaboração do projeto, foi a primeira coisa que eu pensei, eu não tive nem dúvidas na escolha do tema, então no meu tcc, eu já tenho isso na cabeça, não penso em outra coisa [...]foi difícil porém proveitoso, ainda mais por ser o primeiro período, ter passado por isso, eu acho que eu citei no jornal que eu por essa vivência, dificuldade, eu pretendo ir cada vez mais alimentando meu projeto, sei que vai ser lá pro final do curso mais eu posso começar hoje (BRUNA).

Bruna se viu entusiasmada pela oportunidade de pesquisar algo que gostava e isso, na formação para a pesquisa, é importante, pois só é possível pesquisar o outro quando se pesquisa algo que vem de dentro de si, e assim intervir em algo é preciso estar ligado ao acontecimento, ou seja, na sua implicação. Não se chega ao conhecimento só pela observação de um objeto exterior, mas canalizando, também, sua própria implicação no momento da observação. Logo, “estudar o social é saber [...] como pode ser em si e para nós” (LOURAU, 1975, p. 38).

Na formação inicial, o aluno deve ser instigado à pesquisa e estar implicado nela, a qual lhe oportunizará fôlego e condições de continuar a sua formação de maneira crítica e reflexiva. O JP pode ser um desses estímulos que, muitas vezes, o aluno precisa na iniciação científica, um incentivo à formação do professor pesquisador.

Marina e Bruna também escreveram seus JP e, ao serem perguntadas sobre a função do mesmo durante a escrita do projeto, explanaram informações preciosas. Marina falou que o JP a ajudou a pensar e colocar em ordem o que tinha que fazer. Para isso, lia o jornal e refletia sobre o que tinha escrito, o que precisava mudar no seu Projeto de Pesquisa.

Bruna, com um sorriso no rosto, falou sobre a importância do JP durante todo o período exprimindo o trecho que segue:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Foi um encontro comigo mesma né, aquilo de você escrever uma coisa e você reler, eu pensei isso? eu fiz isso? Eu achei isso? Você percebe o seu amadurecimento, as vezes no dia a dia os seus pensamentos fogem de você e o jornal de pesquisa lhe proporciona ter esse pensamento vivo (BRUNA).

Bruna revelou que ainda continua escrevendo vários jornais, um para a disciplina de Didática, que está pagando agora, e outro onde escreve coisas do seu dia a dia. Ressalta que foi através dele que pôde perceber coisas que antes passariam despercebidas, que foi importante para ela e, por isso, continua escrevendo. Registrar cada momento, criar raízes e viajar ao mesmo tempo, é dar razão e sentido a eles. De acordo com Hess (2006 p. 44), “é importante manter um diário para cada momento. Quanto mais se descreve um momento, mais ele ganha em amplitude, mais ele existe”. Sendo assim, ter vários JP oportuniza essa possibilidade de ir registrando cada momento das nossas vidas.

Marina, que desistiu do curso, admite que as suas ações são sempre pensadas a partir da opinião das outras pessoas. Isso pode ser mais cômodo para ela, afinal, como diz Ardoino (1998, p. 9) “é muito fácil dormir com a ideia do outro, ela não ronca”, se erramos fica parecendo que a culpa não é nossa. Difícil é viver por nós mesmos, sermos responsáveis por nossas escolhas e também por nossos erros, que poderão ser até mais frequentes, mas serão nossos. Krishnamurti (1976), acredita que, podemos encontrar um cantinho sossegado, onde passamos a viver com o mínimo de conflito possível, e não ousamos dar mais um passo sequer adiante. Ainda de acordo o autor:

Este medo à vida, este medo à luta e à experiência nova, mata em nós o espírito de aventura; por causa de nossa criação e educação, temos medo de ser diferentes do nosso próximo, tememos pensar em desacordo com o padrão social vigente, num falso respeito à autoridade e à tradição (KRISHNAMURTI, 1976, p. 8).

Existem ainda aqueles que têm o espírito de revolta inteligente, abertos a mudanças. Estes também são discutidos pelo autor, Bruna, por exemplo, que antes era muito popular no ensino médio, agora é tachada de chata, por ter feito a escolha de se comprometer e se preocupar com sua formação. Esse é o começo de um processo de autorização que só começa quando nos situamos em relação às opiniões e ações do outro, quando resolvemos ou aprendemos a nos autorizar. Isso deveria acontecer ao longo das nossas vidas, em casa, na escola, na relação com o outro. Entretanto, muitas vezes, isso não acontece, somos vítimas de uma educação que não nos proporciona sermos formadores e autores de nossas vidas.



De acordo com Borba (2001), o objetivo de toda educação que não seja alienante é que o indivíduo, ao final da sua formação, seja capaz de autorizar-se. Precisamos ser capazes de pensar e viver por nós mesmos, a trair o outro quando preciso, para que possamos conseguir caminhar para si nesse processo de autorização.

No livro *Multirreferencialidade nas ciências e na educação* (1998), no capítulo escrito por Jacques Ardoíno *Abordagem multirreferencial das situações educativas e formativas*, o autor nos alerta ser importante reconhecermos que, na nossa vida, podemos assumir a condição de ator e autor da nossa história. O ator é aquele que executa e interpreta um texto. Assume um papel, mais ou menos explícito, mas, às vezes, não se reconhece nesse papel e, por isso, torna-se objeto, ou até mesmo massacra outras pessoas, voluntaria ou intencionalmente, sem se dar conta disso.

Já o autor é o fundador, o criador, o genitor. É aquele que reconhece a existência dos determinismos históricos, psíquicos, sociais que interferem na realidade na qual está inserido, mas, mesmo assim, toma as decisões pertinentes para engendrar transformações, assumindo suas consequências (ARDOINO, 1998).

Muitas vezes, não conseguimos nos entender, nos autorizar, porque sempre pensamos demais no outro e isso acaba prejudicando nossas escolhas de vida, quem somos o que queremos ser, por exemplo, a escolha da universidade que queremos cursar. Deveríamos saber qual profissão exercer antes de sairmos do ensino médio, mas não é o que acontece. A escola não nos forma para sermos autores de nossas próprias escolhas. Para Krishnamurti (1976), a educação atual está apenas nos industrializando, desenvolvendo nossa eficiência e não nos formando a nos conhecermos e a compreendermos o significado da vida. Isso pode ser visto ao sairmos do ensino médio. Ao invés de saber o que queremos e acreditar que precisamos estar felizes exercendo alguma profissão, estamos mais preocupados em saber qual profissão ganha mais, para só depois escolhermos. Isso faz com que acabemos por andar de galho em galho, de curso em curso, de vida em vida, e ela vai passando sem sentido, sem vivermos, sem nos conhecermos.

(...) aprender a me conhecer ou não, aprender o que eu faço sem me dar conta, o que penso sem me dar conta, o que penso sem refletir, o que digo sem refletir, o que digo por automatismo, o que os outros também fazem, pensam e dizem sem refletir: chegar a ser atento e provocar atenção, provar sensibilidade e chegar a ser mais sensível, mais receptivo, mais preciso para que eu e os outros possamos também existir de maneira mais precisa e mais sensível, para que eu possa me entender melhor com os outros e ter melhores relações com eles (HANDKE, *apud* LARROSA, 1998, p. 32-33).



Durante a entrevista, as alunas falaram sobre esse processo de encontro consigo mesmas e com o curso de Educação Física. Bruna disse que, na verdade, queria cursar psicologia, porém, a cada dia, vem se encantando pela educação física, querendo participar de tudo que pode no curso. Quer seguir em frente e não pensa mais no outro curso.

Ao ser questionada se teve um momento no qual ela percebeu isso, Bruna disse que foi no decorrer das aulas, mas cita um momento especial, depois que entrou na universidade, com o grupo de ginástica do CAMEAM/UERN, composto por alunos do próprio curso de Educação Física. Ela falou desse momento com um encantamento notável:

Foi mágico! Você pensa assim, você a ginástica na televisão e pensa que não é capaz de fazer isso ai de repente você vê e tem a oportunidade na sua frente, foi muito bom, proveitoso, algo que me chamou atenção e eu pretendo continuar na ginástica (BRUNA).

Já com Marina aconteceu totalmente o oposto. Quando descobriu que o curso de Educação Física era licenciatura, ao invés do bacharel, como desejava, se viu perdida. No seu JP, fala diversas vezes da sua dúvida pela escolha curso e que não estava conseguindo se encontrar nele. A cada aula vinha um desespero por não estar conseguindo gostar do curso. Durante a entrevista, disse que queria encontrar um lugar que se encaixasse e que, por meio da disciplina de *Metodologia do Trabalho Acadêmico*, queria se encontrar na pesquisa. Explicou que o seu JP a fez ver que não tinha o hábito de ler e de escrever, e isso dificultava. Também revelou que era nas aulas dessa disciplina que o processo de reflexão acontecia. Apontando o trecho do jornal em que falou sobre isso, disse que isso acontecia porque a professora sempre falava que eles estavam ali para serem futuros professores, que precisavam refletir se era isso mesmo que queriam. Nesse momento sorriu e disse que, com o tempo, poderia até gostar do curso, mas que só em pensar que teria que assumir uma sala de aula futuramente lhe vinha um tormento.

No primeiro trecho do seu JP, disse que queria se descobrir na aula, mas tinha um grande medo que isso acontecesse. Durante a entrevista revela o motivo:

Sei lá, são tantas dúvidas, eu tinha medo assim, porque é bom a pessoa se formar em algo que gosta, fazer por amor, eu nunca quis ser professora então eu tinha esse medo, porque antes de entrar as pessoas diziam que licenciatura poderia trabalhar em academia e na sala de aula e dentro do curso eu vi que não, que não podia, por isso ficava esse tormento porque eu não me via dentro de uma sala de aula (MARINA)



A partir de um extrato do seu JP, em que fala sobre uma experiência que teve com crianças, a partir de um trabalho da universidade, Marina, mais uma vez, sorriu e disse que foi uma experiência gostosa ter um momento como professora, mas que isso não bastou para lhe dar fôlego para continuar no curso. Então foi lançada a ela a pergunta: Qual foi o momento em que resolveu se libertar dos desejos do outro, em que teve consciência de que aquele não era o seu lugar? Para Bachelard (1988, p. 5).

[...] toda tomada de consciência é um crescimento de consciência, um autêntico de luz, um reforço da coerência psíquica. Sua rapidez ou sua instantaneidade podem nos mascarar o crescimento. Mas há crescimento de ser em toda tomada de consciência.

Marina contou sobre o momento que se descobriu e viu que, realmente, não era ali que queria estar:

No momento que eu desisti (risos) que eu vi que não dava, assim que eu não me sentia bem no curso, porque não é o que eu quero, aí muitas pessoas mandavam eu continuar, passar outro período, mas a cada dia eu não me sentia a vontade. No decorrer das aulas, até eu chegar a um ponto e dizer eu quero outra coisa pra mim (MARINA).

Ao pedir para que falasse sobre como foi esse momento em que resolveu desistir do curso de Educação Física, ela contou com tranquilidade:

Foi no recesso, eu me senti... eu sempre quis trabalhar na área da academia sabe, então como eu não me sentia bem nas aulas de educação física de licenciatura, eu sempre ficava na dúvida quando as pessoas ficavam falando, falando, mas eu resolvi pensar sobre mim mesma, eu até li o jornal no dia, e decidi que não era o que eu quero então é melhor ir em busca do que eu quero.

Questionada sobre como o JP a ajudou na tomada dessa decisão, Marina contou que foi a partir da reflexão do que tinha escrito, percebendo que, em nenhum momento, se sentiu bem. A única experiência boa foi aquela relatada anteriormente, com as crianças. Então finalizou dizendo: *“mas não me bateu aquela coisa sabe”*.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: A AUTOFORMAÇÃO É UM CAMINHO INACABADO

Após esse relato, percebe-se que o JP se apresenta como um aliado nesse processo de percepção e autoformação, pois através de sua escrita, como aconteceu com Marina, é possível expressar o que se sente e refletir sobre o dia a dia, compreendendo a si mesmos. As implicações internas e o mergulho denso nesse processo complexo, a partir do qual o sujeito se institui como autor do seu processo formativo o torna singular, sendo ele mesmo, como Marina fez. Para Medeiros (2006, p. 34), o JP é “[...] capaz de realçar aos alunos a questionarem-se e posicionarem-se mediante suas marcas subjetivas, seus valores, sua compreensão da realidade, sua forma de estar e de atuar no mundo e no ensino”.

Marina mostrou-se bastante segura ao dizer que não se arrepende da escolha de ter desistido do curso e que, a partir de agora, seus planos são fazer concursos públicos. Quando tiver independência financeira irá fazer faculdade de bacharelado em Educação Física, na cidade de Mossoró.

Tem-se aqui as vivências de Marina e Bruna, duas garotas de 21 anos que, durante o primeiro período, escreveram um JP, onde registraram suas experiências, seus caminhos e obstáculos. Marina, em meio as suas dúvidas quanto a ser professora resolveu desistir. Não que isso tenha sido uma derrota, pelo contrário, desistir dos desejos do outro para seguir o seu próprio caminho é uma vitória. Agora ela terá novas chances e sonhos, todos seus. Bruna resolveu seguir em frente, gostou do curso, empenhando-se a cada dia, aproveitando as oportunidades que a faculdade tem a lhe oferecer para crescer. Se encantou pela pesquisa através da escrita do Projeto de Pesquisa e, sem saber, está se encantando ainda mais pela pesquisa, ao continuar escrevendo vários jornais, um para cada momento de sua vida. O conhecimento sobre suas experiências somente foi possível porque ambas tiveram a oportunidade de escrever seus momentos em seus JP, na disciplina de *Metodologia do Trabalho Acadêmico*. Esses momentos foram muito importantes revelando um olhar sobre o caminhar de cada uma. Sem dúvidas, caminhar para si é muito difícil, ora percebemos ora não, às vezes sentimos, às vezes não, mas caminhamos e isso é certo. A autoformação, no fim, é o caminho trilhado e percebido por si mesmo.

REFERENCIAS

ANDRE, Marli Eliza. Perspectivas atuais da pesquisa sobre docência. In: CATANI, Denice; BUENO, Belmira (orgs.). **Docência, memória e gênero**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.



ARDOINO, J. (1998). **A formação do educador e a perspectiva multirreferencial**. p.15 Minicurso ministrado na Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, de 15 a 16 de outubro. Mimeo.

_____. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves e VENTURA, Cristina de Fátima. Aprendizagem existencial plural. **Educação e linguagem**. São Bernardo do Campo: UMESP, Ano. 7, n. 9, p. 13-25, 2004, p. 73-89, 2004. ISSN 1415-9902.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

BORBA, Sérgio da C. **Multirreferencialidade na formação do “professor-pesquisador”** – da conformidade à complexidade. Maceió: Edufal, 2001.

HESS. Remi; WEIGAND. Gabriel. **Cadernos de Reflexão e Debates**. In Joaquim Barbosa. São Bernardo do Campo: Marília Claret Geraes Duran, Abril 2006.

GERHARTD, Denise; SILVEIRA, Tatiana. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, editora da UFRGS, 2009. 1º edição. Porto Alegre, 2009.

KINCHELOE, Joe L. Pesquisa **em Educação: conceituando a bricolagem**/ Joe L.Kincheloe, Kathleen S. Berry; tradução Roberto Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. 4º edição. Tradução de Hugo Veloso. EDITORA CULTRIX LTDA. São Paulo, 1976.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contra bando, 1998.

LOURAU. René. Implicação e sobreimplicação. In: ALTOÉ, S. (org) René Lourau: **Analista institucional em tempo integral**. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004.

MEDEIROS, Maria Soares de. Jornal de pesquisa face aos desafios da ausência da cultura do artigo. In BARBOSA, Joaquim. **Cadernos de educação reflexão e debates**. São Bernardo do Campo-SP. ed. Marília Claret Geraes Duran. 2006.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.